A VIGÊNCIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO NA FORMAÇÃO DO INTELECTUAL CRÍTICO E REFLEXIVO

Anibal Correia Brito Neto. UEPA. anibalcbn@yahoo.com.br
Marta Genú. UEPA/ESMAC. martagenu@uepa.br

Resumo.
Insere-se no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Analisa as possibilidades de ressignificação da formação com base nos pressupostos de uma "Educação para além do capital". Apresenta a vigência do materialismo histórico-dialético para a formação de um intelectual crítico e reflexivo. Tem como objeto de análise a proposta do novo Projeto Político-Pedagógico do Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará.
Palavras-chave. Formação do professor. Intelectual crítico e reflexivo. Materialismo histórico dialético.

Ao problematizar o campo da Formação de Professores, em especial, a evidenciada no Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará, esse estudo contribui com as reflexões dessa nova investida na formação. Utilizamos a "vigilância epistemológica", para apontar o materialismo histórico-dialético como referencial teórico. Reconhecemos que o ingresso no Ensino Superior é um acontecimento significativo na vida do sujeito, pois as exigências acadêmicas são diferentes daquelas presentes na Educação Básica. Em sua maioria, aqueles que ingressam nos bancos universitários, carregam as contradições de um ensino básico precário, permeado pela burocratização do currículo escolar; acabam aderindo uma determinada passividade pedagógica, em uma evidente descrença na possibilidade de mudança, não vêem perspectiva em relação ao futuro.

Com base em Marx & Engels (2007), defendemos que o primeiro desafio a ser combatido, deva ser o de compreender as determinações históricas da formação do cenário educacional brasileiro, buscando uma

ruptura com o simplismo intelectual, que analisa a realidade acreditando que as idéias desenvolvem-se por si mesmas, como entidades autônomas, condensadas por uma idéia absoluta.

Em contraposição, defendemos outras bases para a formação, sustentada em Petras (1996), Frigotto (1998), Mèszáros (2005). Acreditamos como possibilidade, a formação de um intelectual crítico e reflexivo, que supere o conhecimento imediatamente operativo e instrumental; e que a partir do domínio da tecnologia, vise compreender as bases científicas da produção; dentro de um quadro de preocupação em relação a formação moral do indivíduo, do desenvolvendo do caráter, da honestidade, da disciplina, da solidariedade, da criticidade e da criatividade, dentro de uma direção política, capaz de formar sujeitos comprometidos com a transformação da essência da realidade social.

Tem-se em 2008 a inauguração do novo Projeto Político-Pedagógico do CEDF/UEPA, o qual visa orientar a partir deste momento, a política de formação de professores da área. Sabemos que a proposta aponta diversas possibilidades de mudanças, com a finalidade de reconceptualizar[1] as condições de oferta e ensino do curso. O principal destaque em relação à nova proposta é a vinculação da formação com os pressupostos de uma Educação para além do capital[2], na perspectiva de conceber um intelectual crítico e reflexivo preparado para intervir nas contradições do mundo do trabalho.

O texto está dividido da seguinte forma: Os anseios e desafios daqueles que ingressam no CEDF/UEPA; A construção de uma postura epistemológica; O Materialismo histórico-dialético como referencial teórico superador e, O significado de ser um intelectual crítico e reflexivo, para finalizar: Em busca uma possível síntese provisória.

Os anseios e desafios daqueles que ingressam no CEDF/UEPA

[1] O conceito reconceptualizar é adotado pelos estudos marxianos, é usado para indicar uma mudança essencial e não fenômenica nos eventos socio-educacionais.
[2] Educação para além do capital é termo concebido por Mészaros que tráz em sua essência pressupostos para a superação de uma Educação vinculada a lógica incorrigível do capital.

Em sua maioria, aqueles que ingressam nos bancos universitários, carregam as contradições de um ensino básico precário, permeado pela burocratização do currículo escolar e acabam aderindo uma determinada passividade pedagógica, em uma evidente descrença na possibilidade de mudança, não vêem perspectiva em relação ao futuro.

Portanto, o primeiro desafio a ser combatido, deve ser o de compreender as determinações históricas da formação do cenário educacional brasileiro, buscando uma ruptura com o simplismo intelectual, que analisa a realidade acreditando que as idéias desenvolvem-se por si mesmas, como entidades autônomas, condensadas por uma idéia absoluta. Tais bases não contribuem para o alcance da essência dos fenômenos, reduzindo ao idealismo, que enviesa e deforma a realidade, mecanismo este, muito utilizado pelas ideologias de manutenção da hegemonia capitalista.

Portanto, optamos por uma perspectiva de rupturas com aqueles estudos lineares, que buscam a naturalização dos fatos; apontamos uma perspectiva contraditória, em que a materialidade passa a ser reconstruída a partir de seus conflitos, disputas e tensões, num processo contínuo de reconceptualização de sentidos e significados inter-relacionados com as bases materiais de organizar a vida em sociedade.

Por isso temos como referência para a análise, total acordo com os pressupostos teóricos defendidos por Mészáros (2005, p. 25) de que uma

> reformulação significativa na educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importante funções de mudança.

Assim, a articulação entre os elementos mais gerais da crise do capital e os mais específicos do cenário educacional cumpre a função de possibilitar a compreensão, com radicalidade, da realidade concreta.

Dessa forma, buscamos envidar na compreensão do movimento contraditório que possibilita apreender as mediações da crise do modo de produção capitalista que imprime a destruição em escala planetária, o que nos faz constatar indicadores de uma mesma totalidade, dessa forma, podemos apontar, os grandes conflitos bélicos entre nações, a profunda destruição ambiental, a grande concentração de riqueza nas mãos de poucos, a precarização do trabalho, as reformas do estado e na esfera da educação, temos o plano de mundialização, que visa acentuar o processo de amoldamento deste campo aos interesses dos grupos privatistas. Enfim, podemos constatar que o sistema atual de organizar a vida em sociedade, está em franca decomposição e que para firmar sua sobrevida e continuar a expandir-se precisará acentuar a barbárie.

No cenário educacional brasileiro, segundo Oliveira (2004, p. 1129), pautada em slogans como "transformação produtiva com equidade", a educação é tomada como indispensável para a lógica da empregabilidade e para a condução de políticas sociais compensatórias, visando à diminuição da pobreza e consequentemente passando por uma expansão para atingir um maior contingente populacional, sem, no entanto, aumentar os investimentos nesse setor, tecendo assim, um modelo de regulação centrado em princípios de "produtividade, eficácia, excelência e eficiência, importando, mais uma vez, das teorias administrativas as orientações para o campo pedagógico" (OLIVEIRA, 2004, p.1130).

Acreditamos que a década de 90 é um grande marco no implemento das reformas da educação, onde temos vários ajustes estruturais e políticos, advindos da reestruturação do capital via globalização da economia. Tais ajustes, seguindo orientações traçadas pelo Banco Mundial (BIRD) e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a serviço do grande capital especulativo e financeiro acentuaram o projeto de mundialização da educação, ratificando assim, a sintonia da educação com as propostas neoliberais de reprodução em grande escala das múltiplas relações necessárias a atividade produtiva do sistema capitalista.

Sendo assim, podemos apreender a essência da sociedade capitalista sendo revelada, a deterioração da educação pública constitui uma estratégia

que visa em última instância comercializar o processo de escolarização, aumento as taxas de lucro dos grupos privatistas. Portanto, a obnubilação dessa realidade aos alunos em formação encerra uma grande possibilidade de mistificação do real, o que compromete extremamente o dimensionamento do compromisso com a transformação e inevitavelmente a incapacidade teleológica de construir um horizonte histórico para além do capital.

A construção de uma postura epistemológica

Em um instigante estudo, Triviños (1987) denunciou "a confusão, a mistura, o ecletismo, que guiam muitas das pesquisas que repousam nas prateleiras das bibliotecas do ensino superior, e que fazem delas um conjunto de idéias sem a amarra de conceitos centrais orientadores". Tal afirmação tem estreita relação com algumas de nossas constatações como docentes do ensino superior, em que evidenciamos que a lógica da formação acadêmica, científica e universalizada vem perdendo espaço para a formação rápida, aligeirada e técnica, voltada apenas para o consumo de conhecimento necessário para as demandas que o mercado impõe, e quanto a produção do conhecimento, prioriza-se o pesquisar utilitarista e imediato, apenas para fins de conclusão de cursos ou disciplinas, afirmando a tese da investigação por diletantismo.

Em contraposição, defendemos outras bases para a formação. Acreditamos como possibilidade superadora, a formação de um intelectual crítico e reflexivo, que supere o conhecimento imediatamente operativo e instrumental e, que a partir do domínio da tecnologia, vise compreender as bases científicas da produção, dentro de um quadro de preocupação em relação à formação moral do individuo, do desenvolvendo do caráter, da honestidade, da disciplina, da solidariedade, da criticidade e da criatividade, dentro de uma direção política, capaz de formar sujeitos comprometidos com a transformação da essência da realidade social.

Esta postura transformadora na formação, tem por finalidade possibilitar a compreensão de que a produção do conhecimento científico

deve garantir à humanidade, o acesso às construções culturais que foram acumuladas historicamente, como direito inalienável de todos os povos, consolidando-se como parte importante do patrimônio da humanidade.

Para alcançar essa investida, Triviños (1987) coloca a necessidade de superarmos uma presente "indisciplina teórica" que acomete nossa atividade docente "como uma ausência de coerência entre os suportes teóricos que, presumivelmente, nos orientam e a prática social que realizamos" (IDEM, p. 15). E complementa afirmando que

> o pesquisador, por coerência, por disciplina, deve ligar a apropriação de qualquer idéia à sua concepção de mundo, em primeiro lugar, e, em seguida, inserir essa noção no quadro teórico específico que lhe serve de apoio para o estudo dos fenômenos sociais (IDEM, p.13).

Afirmamos que a formação deve priorizar a construção de uma postura epistemológica nos acadêmicos, a partir do "estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências" (JAPIÁSSU, 1975, p. 20), apreendendo o devir desse conhecimento e as leis reais de produção destes, no processo de gênese, formação e de estruturação progressiva em busca das "relações existentes entre a ciência e a sociedade, entre a ciência e as instituições científicas, entre as diversas ciências, etc." (IDEM, p. 29).

Ratificamos a impossibilidade de construir conhecimento científico sem um antecedente debate sobre as opções epistemológicas. Pois como afirma Gamboa (2007, p. 22)

> Consideramos que o pesquisador não é axiologicamente neutro; como cidadão de uma determinada sociedade, como "ser político", como homem de sua época e também como sujeito da história, deve ter consciência clara dos interesses que comandam seu fazer investigativo, portanto não deve

> poupar esforços para esclarecer as implicações filosóficas e ideológicas de suas opções epistemológicas.

Outro ponto a considerar é que entendemos que a opção por um aporte teórico para o trabalho investigativo não deve ser entendida como uma estrutura descolada do contexto da realidade material em que é cunhado, mas sim, é precedente o posicionamento sobre a tríade colocada por Frigotto (1998, p. 26) quando nos remete a tal escolha "como uma concepção ontológica e de realidade, método de análise e práxis".

Frigotto (1987) ainda nos diz ser necessário que o pesquisador estabeleça, de início, suas rupturas no pensamento, suas concepções de ciência e, delimitar a que sujeitos históricos a produção desta se refere. Não acreditando na neutralidade científica, o autor aponta que mesmo que inconscientemente, nossas pesquisas aderem um determinado sentido histórico, social, político, e técnico da realidade. Portanto, nossas opções teóricas não podem ser alheias à realidade social que a circunscrevem, como algo desvinculado da nossa concepção de homem e de mundo, pois como diz Frigotto (1998, p.26)

> Um pressuposto fundamental, quando nos propomos ao debate teórico entendemos, deva ser que as nossas escolhas teóricas não se justificam nelas mesmas. Por trás das disputas teóricas que se travam no espaço acadêmico, situa-se um embate mais fundamental, de caráter ético-político, que diz respeito ao papel da teoria na compreensão e transformação do modo social mediante o qual os seres humanos produzem sua existência, neste fim de século, ainda sob a égide de uma sociedade classista, vale dizer, estruturada na extração combinada de mais-valia absoluta, relativa e extra. As escolhas

> teóricas, neste sentido, não são nem neutras e nem arbitrárias – tenhamos ou não consciência disto (grifo nosso). Em nenhum plano, mormente o ético, se justifica teorizar por teorizar ou pesquisar por diletantismo.

Para tanto, acompanhando o nosso entendimento inicial, de que as questões epistemológicas devem ser precedentes no debate sobre a produção do conhecimento no campo educacional, nos posicionamos como pesquisadores, pelo fim da sociedade capitalista, a favor dos interesses da classe trabalhadora e teleologicamente apontamos para o projeto histórico socialista, pois entendemos a produção do conhecimento cientifico como força produtiva, ideológica e política.

O Materialismo histórico-dialético como referencial teórico superador.

Em um processo de ruptura com o simplismo intelectual de diferentes níveis de compreensão do real. Marx e Engels inauguraram no Séc. XIX uma perspectiva epistemologicamente radical para apreensão das leis dos fenômenos histórico-sociais, o materialismo histórico-dialético. Tal concepção visa atingir o entendimento do real a partir da análise do processo de organização, dinamização e transformação do desenvolvimento social. Minayo (2000, p. 65) nos diz que "enquanto o materialismo histórico representa o caminho teórico que aponta a dinâmica do real na sociedade, a dialética refere-se ao método de abordagem deste real".

Percebe-se que a produção desses dois filósofos "não se trata de acontecimento puramente intelectual, mas também de acontecimento sócio-político de significação histórico-mundial" (GORENDER, 2007, p.15). Portanto, não é possível articular o pensamento desses dois autores, fora de um contexto político de luta dos proletários contra a divisão do trabalho e da apropriação privada das construções históricas da humanidade pela

burguesia. A teoria formulada por esses dois autores "trouxe uma visão profundamente nova do desenvolvimento da sociedade humana e um novo projeto de lutas sociais com vistas à transformação radical da sociedade existente" (IDEM, p.17-18).

Com um posicionamento arrebatador, os dois filósofos criticam a dominação do homem por idéias absolutas, indicando que "até agora, os homens sempre tiveram idéias falsas, a respeito de si mesmos, daquilo que são ou deveriam ser. Organizaram suas relações em função das representações que faziam de Deus, do homem normal etc." (MARX & ENGELS, 2007, p. 3). Os mesmos afirmam que essa penumbra sobre a realidade, vincula-se a própria base material e sua modificação pela ação dos homens. Assim, "a produção das idéias, das representações e da consciência está, a principio, direta e intimamente ligada à atividade material [...] não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência" (IDEM, p.18-20).

Ao buscar compreender a dinâmica social a partir de suas relações econômicas, os dois filósofos se voltam para a análise das determinações das relações de produção, sobre a consciência dos indivíduos, afirmando que "os pensamentos da classe dominantes são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante" (IDEM, p.48)

Portanto, a apreensão da essência dos fenômenos deve captar o seu movimento e suas contradições inerentes, desvelando suas determinações e suas leis de transformação. Para Marx e Engels

> Se o real é em si contraditório, e se seu eterno movimento, eterno fazer-se é refazer-se, é dado por esse movimento de antagonismos, o pensamento, a ciência, devem buscar desvendar este movimento que é a chave da compreensão seja da economia, da história, ou de qualquer outra ciência. Dado que o movimento é a manifestação da contradição, esta

> necessita ser desvendada para que se compreenda o fenômeno, o que implica compreender seu movimento. (ANDERY, 2002, p. 419)

O processo de construção do conhecimento apontado por estes filósofos pode ser compreendido a partir de Andery (2002, p. 429)

> Nesse processo, o sujeito do conhecimento, parte do concreto e, com sua análise reconstrói o fenômeno no pensamento, descobrindo suas determinações, e, portanto, reconstruí-lo como fenômeno abstrato; torna-se, então, necessário reinserí-lo em sua realidade e em sua totalidade, reproduzindo-o como concreto, um concreto que, agora, é um produto do trabalho do conhecimento humano e, portanto, um concreto pensado.

Por fim, ratificamos que o alinhamento com os pressupostos do Materialismo histórico-dialético, não pode ser desvinculado do motor da história, a luta de classes, e que, portanto, como instrumento de transformação, uma arma a ser utilizada pelo proletariado contra a opressão da burguesia, sem dúvida, este é o seu maior intento.

O significado de ser um intelectual crítico e reflexivo

A derrocada do Leste Europeu nos findos da década de 80, divulgou aquilo que se convencionou chamar de "fim do Socialismo Real"[3], muitos foram os "profetas" que pregaram o fim da luta de classes e a conseqüente predominância do modelo de produção capitalista como a única via possível

[3] Expressão muito utilizada no meio acadêmico para denominar os países que expropriaram a propriedade privada dos meios de produção e de troca. No entanto, de acordo com os princípios teóricos e políticos do socialismo científico, não podemos concordar com tal denominação, mas sim com as de Trotsky de países operários burocratizados, uma vez que tais países, de 1923 em diante, passaram a ser governados por uma camada operária burocratizada a partir da ascensão de Stalin no governo soviético.

para se organizar a vida em sociedade. Mesmo intelectuais considerados do campo da esquerda e até organizações tradicionais de bases programáticas marxistas concordaram com tal prognóstico, segundo Hernandes (2005), tal política consciente da burguesia imperialista ocasionou um "vendaval oportunista" que atingiu a esquerda mundial, na qual a academia e sua produção teórica não ficaram de fora.

O quadro mundial que vem se apresentado após a década de 90 não corroborou para "O Fim da História", como proclamou Fukuyama (1999) nem mesmo para o "Adeus ao Proletariado" como nos disse Gorz (1987). Estudo recente de Taffarel (2005), com base em 20 pesquisadores da área das ciências sociais e humanas, demonstra-nos precisamente 18 indicadores da existência da crise estrutural do capitalismo e da acentuação da barbárie pelo mundo: das guerras entre países à violência urbana, do domínio tecnológico de algumas nações à degradação descontrolada do meio ambiente, da retirada de direitos trabalhistas à crise no meio rural, do Estado à cultura e da cultura à política, absolutamente todas as manifestações do ser humano na sociedade expressam a crise estrutural que passa o sistema capitalista, crise esta que possibilita a efetiva destruição das forças produtivas a ponto de colocar a existência da humanidade em risco. Os bolsões de miséria concentrados em muitos países[4] comprovam por si a falência do capitalismo enquanto modelo de sociedade e a necessidade de superá-lo.

Portanto, resgatamos a discussão sobre a importância dos intelectuais na construção de uma nova sociedade. As interessantes indicações de Petras (1996) afirmam que a ascensão de "intelectuais institucionais" em detrimento do declínio de "intelectuais orgânicos" representa um grande retrocesso na história. Para esse autor, os intelectuais abandonaram a luta política da classe operária, abdicando das categorias marxistas de análise para contribuírem dessa vez com o fortalecimento das manobras especulativas do sistema neoliberal. Em evidente oportunismo profissional, atualmente esforçam-se numa exagerada competição pela maior soma obtida nas agências de

[4] Segundo o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) cerca de 220 milhões de latino-americanos, 40% da população da região, vivem abaixo da linha da pobreza.

financiamento, comprometidos com o consenso político, são prisioneiros das moedas fortes das fundações estrangeiras e das burocracias internacionais, preocupando-se apenas com os seus patrões estrangeiros e suas conferências internacionais.

O mesmo estudo de Petras (1996), ainda resgata o real significado de ser um intelectual, para isso indica Gramsci, militante italiano que desenvolveu as bases da concepção de "intelectual orgânico". Petras (IDEM) afirma que esses intelectuais eram dignos de compromisso político, diretamente vinculado com as lutas sociais e políticas, eram contrários ao imperialismo e ao capitalismo, onde demarcavam fronteiras com a classe política liberal, na defesa das classes oprimidas, organizavam-se em sindicatos, movimentos estudantis e partidos revolucionários, detinham uma visão global, capaz de desafiarem o mercado liberal burguês.

Esses estudos só evidenciam a necessidade de um posicionamento claro em relação às prioridades que devem reger a formação de novos intelectuais. A formação encaminha ou a prioridade dos parâmetros das agências de fomento à pesquisa ou o avanço nas lutas políticas contra o Estado classista, demonstrando que o velho conflito da sociedade de classes, entre burgueses x proletários apresentado por Marx e Engels (1998), não se curvou diante de uma propalada face humana capitalista.

Para tal investida apontamos algumas competências globais como nucleares para a formação do intelectual que perspectivamos:

- Formação de uma consistente base teórica acerca do materialismo histórico-dialético, expressa na articulação entre os pressupostos ontológicos e gnosiológicos com os níveis epistemológico, teórico, metodológico e técnico, na perspectiva de possibilitar o acesso e a socialização pública a todas as descobertas da ciência;
- Formação omnilateral[5] pautada em bases política, científica, técnica, moral, ética, estética e pedagógica, manifestada na capacidade de atuar efetivamente na superação das contradições de uma formação fragmentada e utilitária da sociedade de classes.

[5] Omnilateral é a concepção marxiniana em que o ser humano deve ser integralmente desenvolvido em suas potencialidades, através de um processo educacional que leve em consideração a formação científica, a política e a estética.

- Formação de atitudes emancipatórias como: solidariedade, cooperação e respeito mútuo, rejeitando qualquer forma de opressão, preconceito ou discriminação.
- Formação crítica, reflexiva e transformadora, que priorize a capacidade de analisar a realidade atual e nela intervir como agente de transformação, na luta pela garantia das construções históricas da humanidade como bem inalienável de todos os povos.
- Formação crítica e autônoma frente à literatura pertinente e os diversos tipos de produção dos conhecimentos; Desenvoltura clara, adequada e objetiva das formas de comunicação escrita, verbal, não verbal e no fazer didático, de modo a conduzir e compartilhar adequadamente sua atividade profissional.

- Formação tendo o trabalho como concepção marxiniana em que o ser humano deve ser integralmente desenvolvido em suas potencialidades, através de um processo educacional que leve em consideração a formação científica, a política e a estética principio educativo, com base emancipatória, solidária, em grupo, com autonomia, auto-organização e responsabilidade nas decisões; a fim da superação do trabalho alienado capitalista

Acreditamos que esses apontamentos trazem possibilidades de essência para interferirmos e modificarmos o curso desta história, em busca de um novo horizonte para a humanidade, por isso, nos posicionamos claramente a favor de uma educação que vise à emancipação humana e que "por isso que é necessário romper com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente" (MÉSZÁROS, 2005, p.27).

Em busca de uma síntese provisória

Em síntese, identificamos como primeiro passo para a construção de uma teoria pedagógica emancipatória, vinculada a uma perspectiva para além do capital, deva ser a apreensão dos nexos existentes entre a prática

pedagógica do professor e o projeto histórico subjacente, representado pelo movimento real dessa prática, constituindo-se como uma ferramenta orientadora daqueles comprometidos com a transformação das práticas conservadoras.

Isso sugere um olhar para a prática pedagógica vivida fora dos espaços da universidade, na prática social cotidiana, de forma a situá-la como instância de continuidade no processo de rupturas, crescimento, em oposição a uma prática pedagógica onde o aluno tem dificuldades em adquirir uma atitude científica, por não buscar interlocutores nem nos livros, nem nos encontros científicos. Isto é, por não teorizar sobre o seu fazer diário.

A universidade deve caminhar para a produção coletiva, fruto da construção do conhecimento que nasce na práxis pedagógica, tomando um outro caminho, inverso ao que está posto, em que as políticas de formação agenciadas pelas instituições oficiais têm direcionado uma formação individualista e competitivista.

Dessa forma, compreendemos que tais relações, só serão superadas no caminho de uma nova organização do trabalho pedagógico se tal proposta estiver articulada com a busca de novas relações sociais estabelecidas no mundo do trabalho e da produção. As contradições hoje presentes no processo de organização capitalista apontam para esta estratégia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERY, M. A P. A. A prática, a história e a construção do conhecimento: Karl Marx (1818-1883). In: ANDERY, M. A. P. A. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Espaço e tempo; São Paulo: EDUC, 2002.

FRIGOTTO, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I.(Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo: Cortez, 1987. p.70-90.

FRIGOTTO, G. Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. In: FRIGOTTO, G. (Org.) **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 25-34.

GAMBOA, S. A. S. **Pesquisa em Educação**: métodos e epistemologias. Chapecó: Argos, 2007.

JAPIÁSSU, H. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

FUKUYAMA, F. **O fim da história e o ultimo homem**. Lisboa: Gradiva, 1999.

GORENDER, J. Introdução – O nascimento do materialismo histórico. In: **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GORZ, A. **Adeus ao Proletariado:** Para Além do Socialismo. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

HERNANDEZ, M. *Um vendaval oportunista corre o mundo*. In: Opinião socialista, Ano VIII, Edição 175.

MARX, K. ENGELS, F. **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____ **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MÈSZÁROS, I. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do Conhecimento**: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

OLIVEIRA, D. A. A Reestruturação do Trabalho Docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set/dez. 2004.

PETRAS, J. Os intelectuais em retirada. In: COGGIOLA, O.(Org.) **Marxismo Hoje**. São Paulo: Xamã, 1996

TAFFAREL, C. N. Z. Projeto Integrado de pesquisa "problemáticas significativas do trabalho pedagógico, da produção do conhecimento, das políticas publicas e da formação de professores de educação física e esporte". Salvador: LEPEL/FACED/UFBA, 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.